MARCEL SOUTO MAIOR

Autor com mais de 400 mil exemplares vendidos

AS LIÇÕES DE CHICO XAVIER

Para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar



NO BOLSO

AS LIÇÕES DE CHICO XAVIER



MARCEL SOUTO MAIOR

AS LIÇÕES DE CHICO XAVIER

Para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar

Planeta

Copyright © Marcel Souto Maior, 2005
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2005, 2008, 2014, 2017
Todos os direitos reservados.

Revisão: Margô Negro
Diagramação: Anna Yue
Capa: Marcílio Godoi
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S71L

Maior, Marcel Souto

As lições de Chico Xavier / Marcel Souto Maior. – 5. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

ISBN: 978-85-422-1624-0

1. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002. 2. Médiuns – Brasil Biografia. I. Título.

14-14122

CDD: 920.913391
CDU: 929:133.9

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Numa esquina de São Paulo, uma leitora me reconhece e se aproxima para fazer um pedido: "No primeiro livro, você foi um jornalista. No segundo, foi um investigador. No terceiro livro, seja um 'sentidor'".

Este livro é dedicado a ela e aos meus filhos, Antônio e Isadora, que – eu espero – encontrem, daqui a alguns anos, caminhos e respostas nestas páginas.

Sumário

“Existe vida depois da morte?”

“Eu ia me matar”

HISTÓRIAS QUE CONTO NAS PALESTRAS

As lágrimas inexplicáveis

“Só Deus autoriza”

A mão que pega fogo

O taxista

“Chico via mesmo os espíritos?”

“Você não é espírita?”

DUAS HISTÓRIAS SOBRE SOLIDARIEDADE

A chegada dos bombeiros

A alegria dos outros

CASOS QUE CHICO GOSTAVA DE CONTAR

Água da paz

“Você foi só pra Cruzeiro”

“Isso também passa”

“Morra com educação”

Lições de Chico Xavier

O sentido da missão

A força do trabalho

O sentido da doação

O sentido da aceitação

Por trás do véu

A mensagem da Tia Lourinha

“Boneca, Boneca...”

“Não tem nenhum Luís Fernando aqui”

A volta de Tia Lourinha

Duas histórias recentes

A fraude...

...E o fenômeno

Conclusões

Legendas

“Existe vida depois da morte?”

Nos últimos três anos, percorri todo o Brasil para realizar palestras sobre Chico e divulgar *As vidas de Chico Xavier* e *Por trás do véu de Ísis*.

De vez em quando, durante as viagens, eu me perguntava o que estava fazendo ali tão longe da família, falando de alguém tão distante da minha própria história, da minha formação e realidade.

As respostas vinham quando as pessoas se aproximavam com um desabafo, um pedido de socorro, um gesto de carinho e com críticas e cobranças também.

Minha vida de repente se misturou com a vida de Chico Xavier. Eu experimentei, nos últimos anos, alguns lampejos e faíscas das emoções desencontradas, dúvidas e paixões provocadas por ele.

Muita gente se aproximou de mim em busca de socorro (como se Chico estivesse por perto). Outras pessoas colocaram

nos meus bolsos papéis com os nomes completos dos filhos mortos e pedidos desesperados de mensagens psicografadas. Inúmeros leitores me procuraram para pedir conselhos, indicações de médiuns, palavras de consolo.

E não adiantava – aliás, não adianta – eu repetir a mesma ladainha: "Não sou espírita. Não tenho a fé consolidada. Sou um jornalista marcado por um defeito de fabricação: o de duvidar sempre".

Quanto mais eu falava – e continuo falando – menos as pessoas acreditavam.

Deixo aqui, por escrito, estas vãs palavras.

Quais as principais lições deixadas por Chico? O que mais me marcou? O que aprendi com a vida e a obra dele? Hoje sou menos cético?

As respostas estão aqui neste livro, uma versão ampliada das minhas palestras.

São lembranças e descobertas que me acompanham e que divido agora com vocês – espíritas e não espíritas como eu – nesta espécie de diário, coletânea de lições.

Existe vida depois da morte?

Não importa.

"O que importa é esta vida. Esta vida já dá trabalho demais."

Palavras de Chico Xavier, quando se aproximavam dele para

pedir informações sobre vidas passadas ou provações futuras.

O importante – e difícil – é saber viver aqui e agora.

“Eu ia me matar”

O calor era insuportável dentro da caixa de ferro. Uma sala de metal, quase tão sufocante quanto um contêiner, foi o espaço reservado para minha palestra numa feira de livros em Brasília.

Na plateia, cerca de 20 pessoas. Lotação esgotada. Quando comecei a falar sobre o livro *As vidas de Chico Xavier*, o microfone (totalmente desnecessário) falhou e o som de um *show* de pagode, promovido num palco ao lado, invadiu o recinto no volume máximo.

Precisei berrar quarenta minutos seguidos para ser ouvido.

Por que um jornalista cético como eu decidiu escrever a biografia de Chico Xavier? Como foram os meus primeiros contatos com o médium mineiro? O que mais me impressionou durante as investigações? Eu mudei?

Gritei meu depoimento até ficar rouco.

No final do falatório, uma jovem, acompanhada por uma amiga, se aproximou.

– Vim lá de Taguatinga (cidade-satélite de Brasília) só para

dizer o seguinte: “Eu ia me matar, li a biografia do Chico e desisti. Estou aqui para agradecer”.

Foi um choque. Nem me lembro direito da minha reação.

Demorei algum tempo para entender que não foi meu livro que salvou a vida da leitora. Foi a vida de Chico Xavier, a trajetória impressionante construída por ele.

E que trajetória é essa? É a história – ou saga – de um homem simples, pobre, mulato, filho de pais analfabetos, nascido no interior de Minas, que, primeiro, se torna um escândalo nacional ao passar para o papel, de olhos fechados, mensagens assinadas por mortos ilustres ou anônimos e que, com o tempo, depois de muita perseguição, humilhação, desconfiança, se transforma num ídolo popular, um mito.

Chico nunca desistiu. Foi em frente, apesar de tudo.

A leitora encontrou nessa trajetória um sentido para a própria vida.


Histórias que
conto nas
palestras

As lágrimas inexplicáveis

Tudo começou em 1993 quando desembarquei em Uberaba pela primeira vez. Na época eu era subeditor do "Caderno B", do *Jornal do Brasil*, e tinha acabado de editar uma reportagem sobre a peça espírita *Além da vida*, um fenômeno de bilheteria visto por mais de 2 milhões de espectadores em todo o país.

Por que tanta gente lotava tantos teatros pelo Brasil afora em busca de contatos com o além?

Ao pesquisar o tema descobri números impressionantes sobre Chico Xavier, o personagem-chave desse universo. O médium mineiro tinha escrito mais de quatrocentos livros, vendido mais de 20 milhões de exemplares e doado toda a renda dos direitos autorais a instituições beneficentes.

– Os livros não me pertencem. Eu não escrevi nada. Eles, os espíritos, escreveram – dizia.

Para o jornalista de doze anos atrás, um cético absoluto, Chico era no mínimo um personagem intrigante.

E intrigante também era o fato de nenhum jornalista ter

contado ainda, em livro, a história do médium mineiro.

Chico já estava com 83 anos e ninguém tinha reconstituído ainda sua trajetória com isenção e objetividade. Por que não?

Descobri a resposta quando anunciei aos amigos mais próximos minha decisão de escrever a biografia de Chico Xavier.

– Não é o Chico Buarque? Chico Anísio? Chico Mendes?

– Não. É o Chico Xavier – comecei a repetir.

Quanto mais estranhavam o tema e menosprezavam o personagem, mais vontade eu tinha de escrever o livro.

Faltava apenas a autorização do biografado.

E foi com a petulância de jovem repórter que aterrissei na cidade mineira de Uberaba, decidido a voltar para o Rio de Janeiro com o aval de Chico embaixo do braço.

Eu não tinha dúvidas de que tudo daria certo.

Minha autoconfiança durou menos de vinte minutos. O tempo do percurso desde o aeroporto em Uberaba até a casa de Chico. Se dependesse da família do médium, o portão de ferro pintado de azul seria um obstáculo intransponível.

Chico estava doente – castigado por sucessivas crises de angina e pneumonia – e os amigos e parentes tinham montado um cordão de isolamento em torno dele para preservar sua saúde e privacidade. Resumindo: eu não poderia entrar na casa dele de jeito nenhum.

E o fato de eu ser um jornalista do Rio de Janeiro não ajudava em nada. Só atrapalhava. Chico já tinha sofrido o bastante com investigações feitas por repórteres como Clementino de Alencar (*O Globo*) e David Nasser (*O Cruzeiro*).

A minha única esperança era encontrar Chico no centro espírita fundado por ele na cidade, o Grupo Espírita da Prece, mas havia um problema: por recomendação médica, o médium já não ia ao centro havia quase nove meses.

E lá fui eu, já sem nenhuma esperança.

Noite de sábado. Oito horas da noite. Grupo Espírita da Prece. A casa modesta, com piso de cimento e telhas sem forro, estava quase vazia. Nos bancos de madeira, oito pessoas além de mim. Um punhado de gente se comparado com o quórum das sessões de psicografia conduzidas por Chico nos bons tempos.

Naquelas noites, multidões vindas de todo o país disputavam cada palmo do espaço disponível na sala, no quintal, nos batentes das janelas, nos corredores laterais, na cozinha dos fundos.

O cenário agora era bem diferente. O público tinha minguado, semana a semana, a cada ausência de Chico Xavier. Onde estavam as cartas do outro mundo, as mensagens dos filhos mortos para as famílias vindas de todos os cantos do país? Com Chico confinado em casa, o centro ficava cada vez mais

vazio.

Eu me sentei no banco em frente à mesa do Grupo Espírita da Prece e, minutos depois, levei um susto. Chico entrou no salão e caminhou lentamente em direção à mesa.

Costas arqueadas, um sorriso suave no rosto, a peruca negra equilibrada sobre a cabeça pendida. De repente, lá estávamos nós, frente a frente, a 2 metros de distância.

Enquanto Chico iniciava a leitura de um livro de Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, eu só pensava em questões práticas. Como me aproximar, como me apresentar, como conseguir sua autorização para escrever a biografia.

A sessão de leitura do evangelho ainda estava no início quando comecei a sentir gotas pesadas caírem sobre minha camisa. Olhei para o teto em busca de uma goteira e nada. Não chovia em Uberaba.

Demorei algum tempo para acreditar que aquelas gotas saltavam dos meus olhos. Eram lágrimas. Um choro sem consciência e sem emoção. O primeiro fenômeno de uma série.

“Só Deus autoriza”

Na época eu nunca tinha lido um único livro escrito por Chico Xavier nem sentia nenhuma admiração especial por ele. As campanhas de doação promovidas pelo médium, seus discursos em favor da solidariedade, sua pregação religiosa, as cartas do outro mundo, tudo me soava como mistificação e assistencialismo.

Enxuguei as lágrimas e, no final da sessão, me aproximei de Chico sem nenhuma dificuldade ou constrangimento.

Precisava agir rápido antes que o cordão de isolamento se fechasse em torno dele.

– Chico, eu sou um repórter lá do Rio de Janeiro e vim aqui pedir autorização para escrever sua biografia.

Chico ergueu a cabeça, me encarou e, com o mesmo sorriso suave do início da sessão, tentou escapar por um atalho mineiro:

– Só Deus autoriza.

– E Deus autoriza? – foi a minha pergunta.

Chico me observou por alguns segundos em silêncio e

afirmou:

– Autoriza. Pode conversar com meus amigos e minha família. Eu vou falar por último, porque estou muito doente.

Na noite seguinte, eu levaria um novo susto.

A mão que pega fogo

Com a autorização de Chico Xavier – imaginei –, meu acesso à sua casa seria liberado. Eu não conversaria com ele no início, manteria distância, mas poderia consultar seu arquivo pessoal, acompanhar um pouco de sua rotina, testemunhar alguns de seus encontros – por que não?

Nada feito. Na manhã seguinte, a família manteve as portas trancadas e eu decidi, então, apelar para um recurso de emergência.

Liguei para um dos filhos de criação de Chico, Vivaldo – responsável pela catalogação da obra do pai –, me apresentei como um repórter de revista semanal e agendei uma entrevista.

A pauta da reportagem, eu disse, era o espiritismo no Brasil e eu precisava de dados sobre os livros publicados por Chico.

Vivaldo morava num anexo nos fundos da casa de Chico e concordou em me receber na mesma noite.

Ou seja: eu entraria no território proibido, com ou sem autorização.

A entrevista começou, entre goles de café, na sala acanhada do anexo. Reservei as perguntas mais delicadas – sobre os hábitos e a rotina de Chico – para o final da conversa (quando já tivesse conquistado a confiança do entrevistado), mas não consegui ir muito longe.

Duas ou três perguntas depois do início da conversa, uma campainha soou dentro da casa e Vivaldo me avisou:

– É meu pai. Ele tem um interruptor do lado da cama e deve estar precisando de ajuda. Só um minuto, por favor.

Mal ele desapareceu pela fresta da porta, minha mão – que estava segurando a caneta – esquentou violentamente.

Tive a nítida sensação de que ela estava pegando fogo.

Meu único impulso foi o de abandonar caneta, gravador, bloco de anotações, tudo em cima do sofá e correr para o quintal. Girei a maçaneta, corri para o jardim e fiquei balançando a mão de um lado para o outro na noite fria de Uberaba.

Instantes depois Vivaldo surgiu no alto da varanda e, com expressão contrariada, me disse:

– Parabéns, meu pai mandou dizer que seu livro vai ser um sucesso.

Voltei para a sala, peguei minhas anotações e me despedi, constrangido e assustado.

Os fenômenos das “lágrimas inexplicáveis” e da “mão

pegando fogo" – é assim que os intitulo hoje – ajudaram o jovem repórter cético a entender que estava entrando num mundo novo, o universo de Chico Xavier, e que era preciso percorrer este território com mais cuidado e respeito.

O taxista

Escrevi *As vidas de Chico Xavier* durante a ma drugada depois do trabalho. Chegava em casa às 10 horas da noite e me trancava no escritório até as 5 ou 6 horas da manhã, quando o entregador do jornal deixava o exemplar do dia no *hall* de entrada.

No quarto, sozinho, enfrentei os mais diferentes dilemas enquanto tentava ser objetivo e evitar louvações ou críticas ao espiritismo. Com um mapa com os principais marcos da vida de Chico diante de mim, eu reconstituía a trajetória do médium em ordem cronológica.

Chico era acusado de louco quando criança. Era atacado e não reagia. Era castigado pela madrinha e sofria em silêncio. Era processado e não protestava. Era humilhado e engolia em seco. Tudo sob a supervisão de um guia espiritual implacável, Emmanuel.

Tanto silêncio e passividade começaram a me incomodar. De repente, sem perceber, comecei a torcer por uma reação de Chico, um desabafo, um desaforo, um grito de independência. E

nada.

Num sábado, peguei o táxi e fui para a Biblioteca Nacional em busca de novas informações. O taxista – descobri no meio do caminho – era espírita, um admirador ardoroso de Chico Xavier.

Conversamos sobre meu projeto e sobre meu novo dilema: será que eu não deveria me posicionar mais? Será que não deveria, por exemplo, defender Chico Xavier em determinadas situações, já que ele próprio não se defendia?

O taxista não teve dúvidas:

– De jeito nenhum. Você deve escrever como jornalista. Já existem livros espíritas demais sobre Chico Xavier.

De vez em quando brinco que aquele taxista desconhecido é coautor do livro.

Nunca mais encontrei um taxista espírita.

“Chico via mesmo os espíritos?”

De vez em quando, em palestras e entrevistas, alguém toma coragem e me faz esta pergunta. Respondo sempre com duas histórias.

Em 1996, Chico pendurou na porta de seu quarto um bilhete endereçado aos espíritos. O texto, escrito com letra miúda e trêmula, avisava: naquela noite, ele dormiria no cômodo ao lado, por causa de uma obra na caixa-d’água sobre seu quarto.

Se algum amigo espiritual quisesse fazer uma visita, deveria ficar à vontade. Chico teria muito prazer de recebê-lo no endereço provisório.

“Amanhã já voltarei ao meu próprio aposento”, comunicou no bilhete, antes de se despedir.

“Jesus nos abençoe como sempre. Muito grato. Chico Xavier.”

Na mesma época, uma senhora se aproximou de Chico no Grupo Espírita da Prece e foi cumprimentada por ele com uma pergunta preocupante:

– Desculpe, mas a senhora está viva ou morta?

– Viva, Chico.

E ele:

– Graças a Deus.

Era comum Chico confundir vivos e mortos e cumprimentar o invisível.

“Você não é espírita?”

Durante as palestras, alguém me cobra:

– Você escreveu a biografia de Chico Xavier e não se tornou espírita? Por quê?

Repito a explicação de praxe: sou jornalista e me obrigo a percorrer esse território mágico e controvertido, com distanciamento, checando e rechecando fatos.

Quando as cobranças se tornam mais insistentes e constrangedoras, recorro a uma das histórias de Chico Xavier.

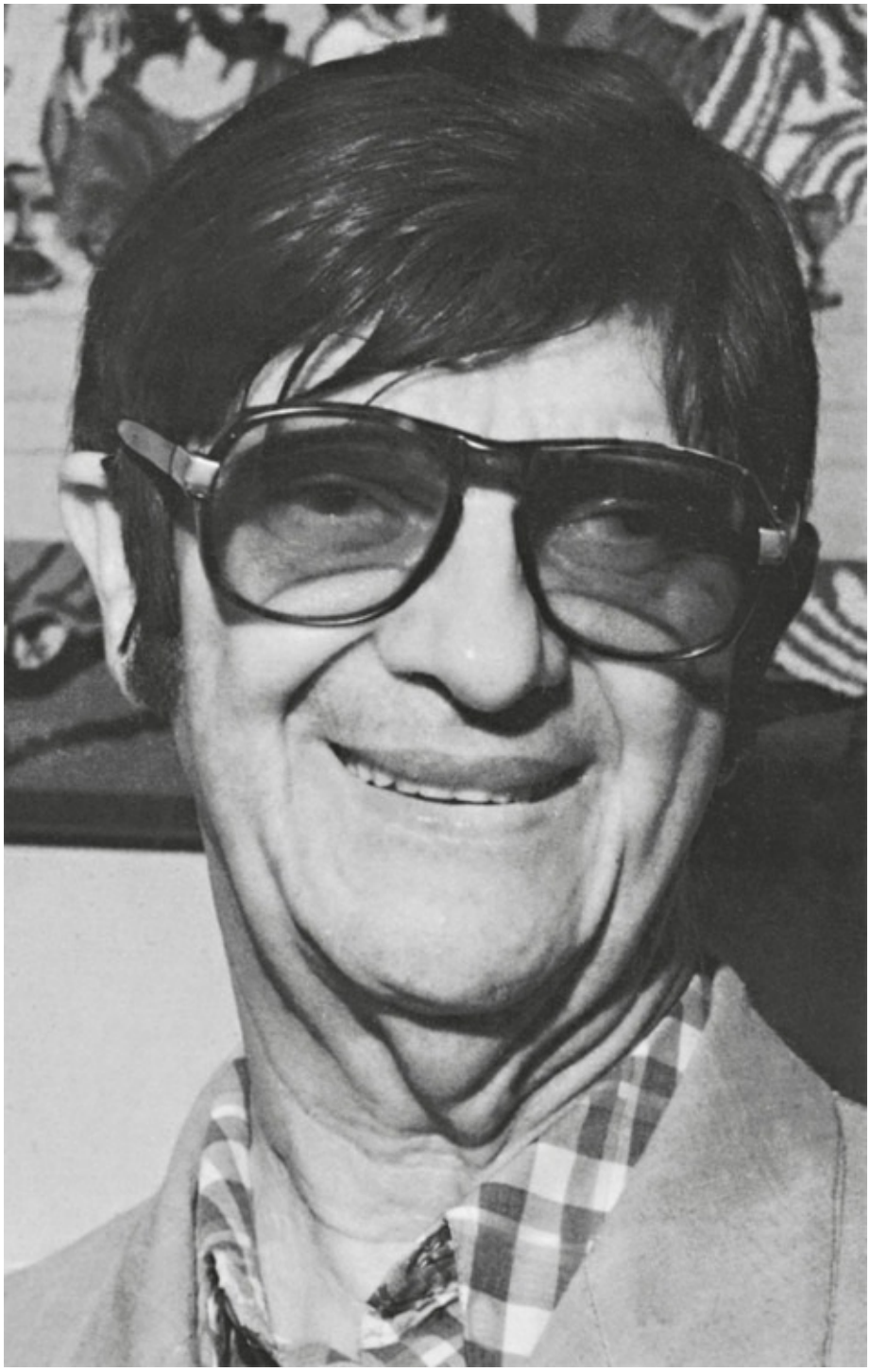
Numa noite, uma senhora se aproximou dele no Grupo Espírita da Prece e disse:

– Chico, meu marido é maravilhoso. Bom pai, bom filho, bom companheiro, bom patrão... Só tem um defeito grave: “Ele não é espírita”.

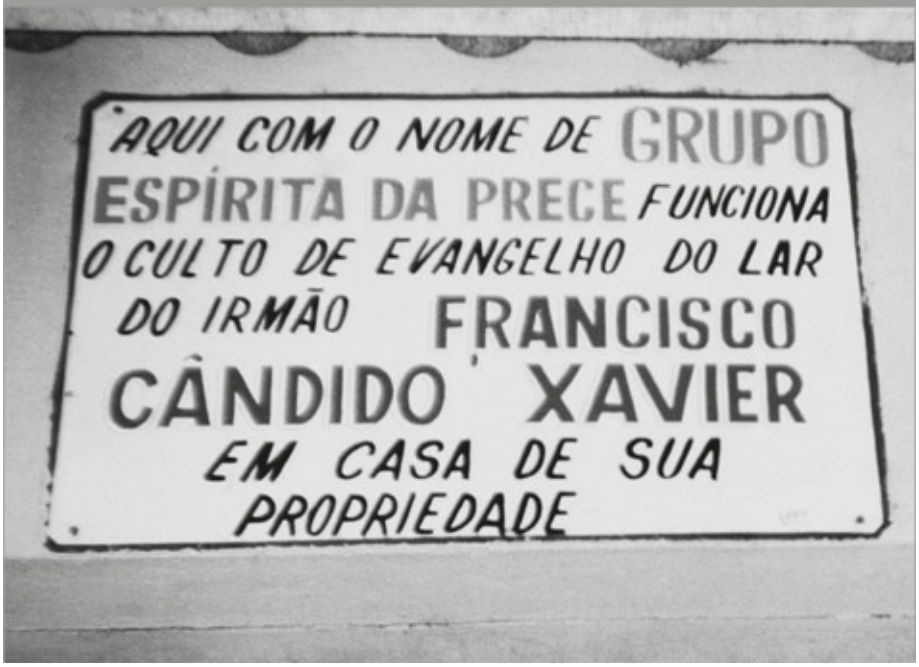
Resposta de Chico:

– Mas se ele é tudo isso, não precisa ser espírita de jeito nenhum. Já tá bom demais.

Chico nunca cobrou conversão de ninguém.



Duas histórias sobre solidariedade



A chegada dos bombeiros

Quando iniciei minha pesquisa sobre Chico, tinha uma tese pronta e acabada sobre as campanhas de doações promovidas por ele: assistencialismo.

– Você não deve dar o peixe. Deve ensinar a pessoa a pescar.

Eu dizia frases como esta – dos tempos de estudante – sem conhecer ainda um argumento repetido por Madre Teresa de Calcutá enquanto se dedicava à caridade:

– Muita gente não tem força para segurar a vara de pesca.

Chico recorria a uma pergunta-chave para defender doações e outros paliativos.

– Se uma casa está pegando fogo do nosso lado, nós cruzamos os braços e esperamos pela chegada dos bombeiros ou ajudamos com al-guns baldes de água?

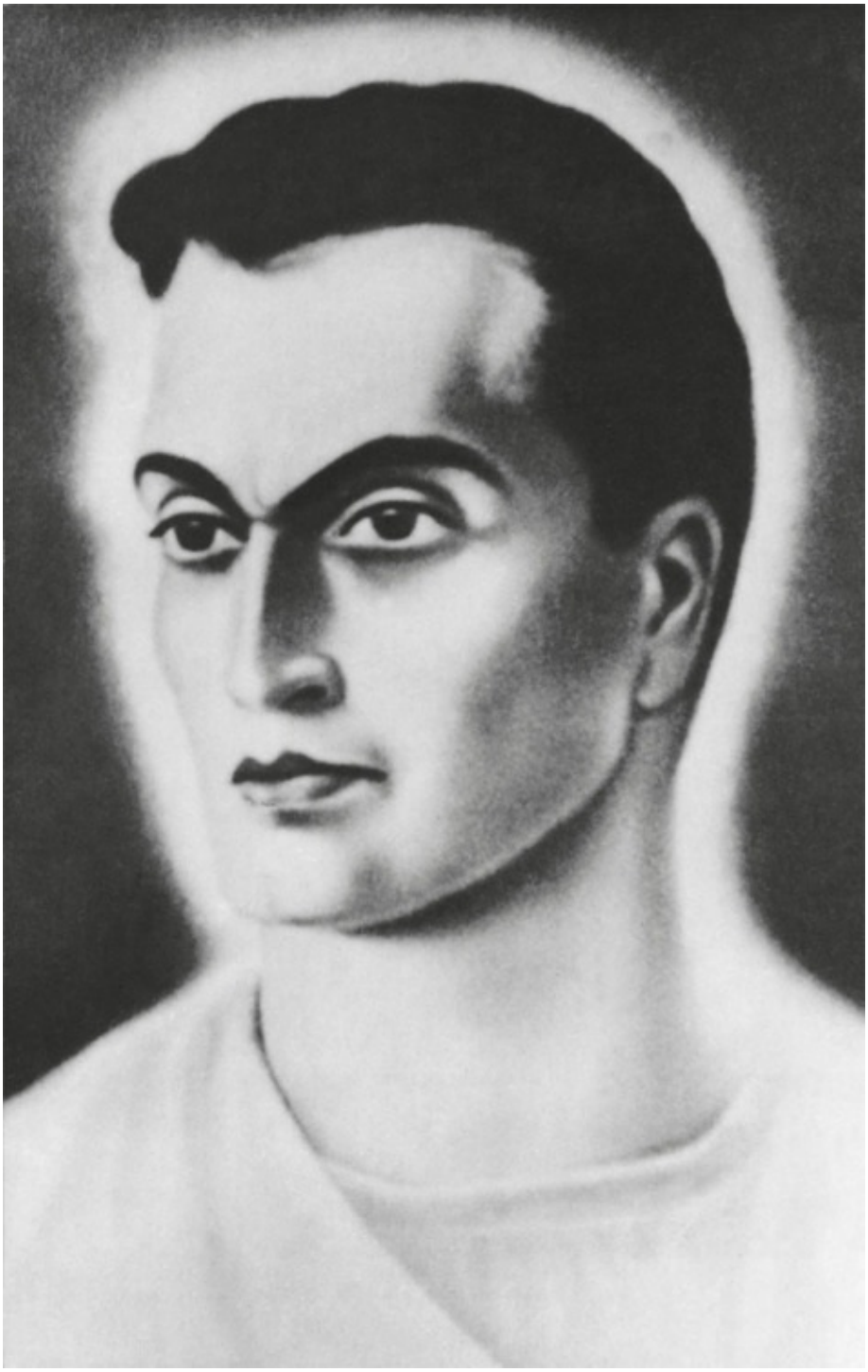
A alegria dos outros

Um empresário muito bem-sucedido procurou Chico Xavier para pedir socorro.

– Eu tenho tudo, Chico – dinheiro, uma família maravilhosa, filhos lindos, uma bela casa –, mas não consigo ser feliz de jeito nenhum.

O empresário esperava um passe, uma oração, uma solução mágica, mas recebeu de volta uma frase curta:

– O que falta a você é a alegria dos outros.



Casos que Chico gostava de contar



Água da paz

Quando começou a ter as primeiras visões, ainda criança, Chico passou a ser chamado de louco pelo próprio pai e por moradores de Pedro Leopoldo, a cidade onde nasceu. Só sua mãe o entendia, mas morreu cedo, quando Chico tinha apenas 5 anos.

Logo depois da morte, ele começou a ver – e ouvir – o espírito da mãe no quintal da casa da madrinha. Era com ele (o espírito) que Chico desabafava. Na época, menino ainda, ele se permitia reclamar – e reclamava muito – das perseguições, castigos, desconfianças.

Eram diárias as queixas até a tarde em que a mãe – ou melhor, o espírito dela – apareceu para dar uma receita ao filho, já adolescente:

– Água da paz. Ela vai te ajudar.

Chico procurou nas farmácias da região, pediu aos tios para buscar o remédio em farmácias da capital, Belo Horizonte, mas as buscas foram inúteis.

Quando a mãe reapareceu no quintal, Chico pediu socorro.

– Procurei em todo o canto e não encontrei a tal água da paz.

Só então a busca terminou:

– Pode ser água da bica mesmo, meu filho. Você põe na boca e só engole ou joga fora quando a vontade de reclamar tiver passado.

Chico passou a vida com a água da paz na boca, medindo palavras, engolindo queixas e desaforos.

“Você foi só pra Cruzeiro”

Quando começou a ganhar projeção nacional, já nos anos 1940, Chico Xavier foi procurado por um dos repórteres mais implacáveis da época, David Nasser, da revista *O Cruzeiro*.

O repórter desembarcou em Pedro Leopoldo, acompanhado pelo fotógrafo Jean Manzon, decidido a desmascarar a “fraude mineira”, o matuto que imitava o estilo de poetas mortos como Olavo Bilac e Augusto dos Anjos e de jornalistas célebres como Humberto de Campos, morto pouco tempo antes.

Cansado de ser alvo da desconfiança e da curiosidade dos repórteres, Chico tentou escapar da entrevista a todo custo, mas foi vencido por um artifício usado por Nasser. O repórter enrolou a língua, começou a falar num francês arrastado e, com a ajuda de seu *partner* estrangeiro, Jean Manzon, convenceu Chico de que eles tinham vindo de muito longe, de Paris, só para entrevistá-lo. Não poderiam voltar de mãos abanando...

Chico decidiu dar a primeira entrevista internacional de sua vida e foi além. Reclamou do assédio da imprensa e dos

visitantes – ou seja, jogou no lixo a água da paz – e posou para fotos nas situações mais extravagantes. Até dentro de uma banheira ele apareceu em fotos de página inteira na revista *O Cruzeiro*.

Quando a edição chegou às suas mãos, Chico desabou. No meio da crise de choro, viu seu guia, Emmanuel, surgir no quarto:

– Por que você tá chorando?

– Por quê? É muita humilhação, uma vergonha, um vexame.

Emmanuel encerrou a choradeira com um trocadilho:

– Jesus foi pra cruz, Chico. Você foi só pra "Cruzeiro".

“Isso também passa”

Deprimido após sucessivas denúncias de fraude, Chico decidiu pedir socorro a Emmanuel. E pediu alto: uma orientação da própria Maria de Nazaré.

Os dias se passaram e Emmanuel voltou com a encomenda. Uma frase só, atribuída à mãe de Jesus:

– “Isso também passa”.

Chico agradeceu a bênção, anotou a frase num papel e a colocou na mesa de cabeceira ao lado de sua cama em Pedro Leopoldo.

Todos as noites e manhãs, ele lia e relia a frase durante as orações.

– “Isso também passa”.

Emmanuel tratou de fazer uma ressalva: a frase valia para os momentos de tristeza e de felicidade.

“Morra com educação”

Chico, o principal divulgador da sobrevivência do espírito e da vida depois da morte no Brasil, tinha medo de avião e adorava contar para os amigos os bastidores de uma de suas viagens aéreas, de Uberaba a Belo Horizonte, no longínquo ano de 1958.

No meio da viagem, o tempo fechou e o avião começou a trepidar violentamente. O comandante saiu da cabine e explicou para os passageiros: era um vento de cauda e logo iria passar. Em breve, ele afirmou, todos chegariam ao destino sãos e salvos.

Alguém completou irritado:

– Só se for ao outro mundo.

O avião sacudia, virava de um lado, do outro, parecia prestes a despencar.

Crianças começaram a berrar, passageiros vomitavam, um padre iniciou uma oração em voz alta e Chico se uniu ao coro dos desesperados:

– Valei-me, meu Deus. Socorro, misericórdia. Tende piedade de nós.

Quando o padre reconheceu o líder espírita, a poucas poltronas de distância, interrompeu as preces e anunciou:

– O Chico Xavier está aqui conosco. Ele é médium e está rezando com a gente.

Chico gritou do outro lado:

– Graças a Deus, padre, eu também estou rezando. Valei-me, meu Deus.

Quando a situação já estava fora de controle há quase dez minutos, Chico viu Emmanuel entrar no avião e se aproximar dele. Queria saber o motivo de tanta gritaria. Chico tinha uma dúvida mais urgente:

– Nós estamos em perigo?

O guia foi seco:

– Estão. E daí? Não tem muita gente em perigo no mundo? Vocês não são privilegiados.

Chico nem pensou duas vezes:

– Está bem. Se estamos em perigo, vou gritar. Valei-me, socorro, meu Deus.

O desespero de Chico levou os passageiros ao pânico. Se Chico – que tinha contato direto com o outro mundo – estava tão desesperado não havia dúvidas: o avião ia cair. Estavam todos mortos.

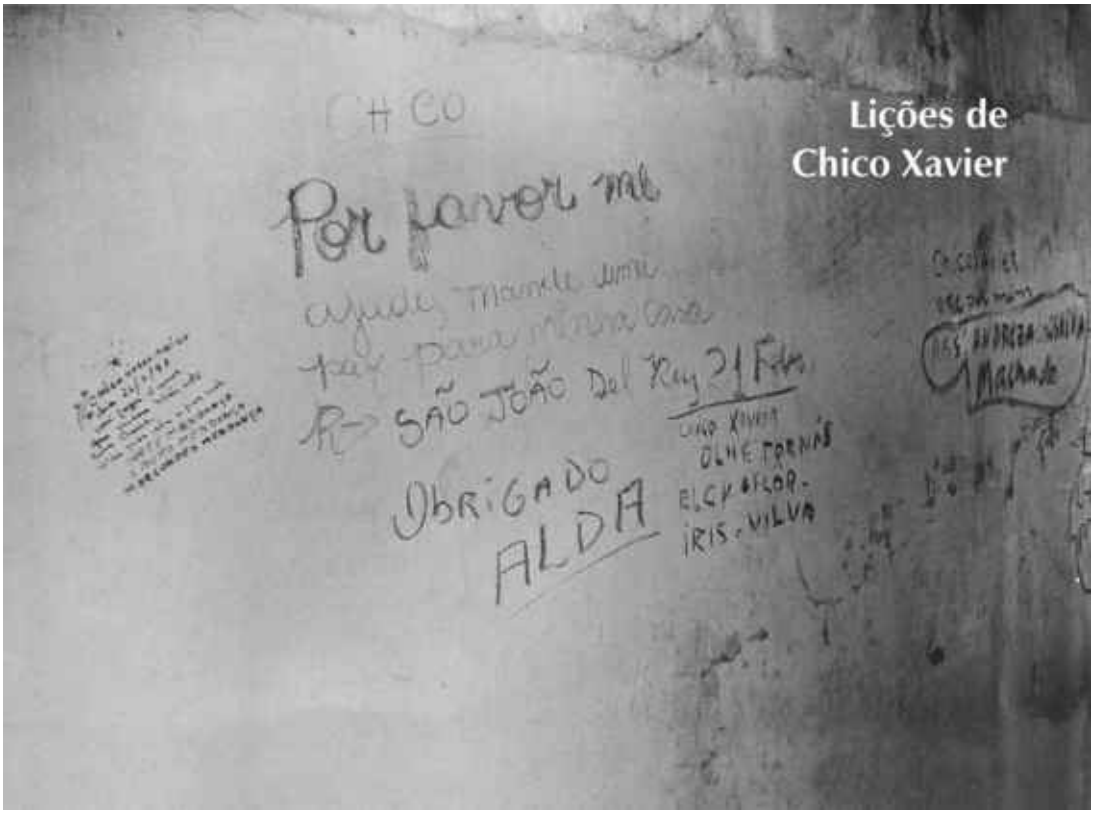
Emmanuel perdeu a paciência:

– Chico, cale a boca para não afligir a cabeça dos outros. Morra com fé em Deus, morra com educação.

Quando Emmanuel virou as costas, Chico ainda resmungava:

– Quero saber como alguém pode morrer com educação.

E continuou a gritar.


Lições de
Chico Xavier
CHICO
Por favor me
ajude
SÃO JOÃO
OBRIGADO
ALDA

O sentido da missão

Chico foi movido, do início ao fim de sua trajetória, pela certeza de que tinha uma missão a cumprir. Sua fé nessa missão era tanta que ele abriu mão de tudo – dinheiro, sexo, a chance de construir a própria família – para se dedicar a divulgar a doutrina espírita e difundir a prática da caridade no Brasil.

O mais difícil foi abrir mão da própria privacidade, mas Chico foi em frente, cada vez mais exposto, atacado e criticado a cada livro.

Tinha uma meta a cumprir. Um cronograma rígido determinado a ele pelo guia Emmanuel. Trinta livros para começar. Cinqüenta livros. Cem livros. Livros para sempre, até o fim.

Emmanuel – Chico dizia – era quem anunciava as metas de cada etapa. Cabia a ele cumprir a programação, traçada em outros planos, invisíveis.

De olhos fechados, em transes testemunhados por multidões, Chico passava para o papel, em velocidade

vertiginosa, poemas, crônicas, romances, cartas, todos assinados por mortos ilustres ou desconhecidos.

Escrita automática? Plágio? Autossugestão? Intercâmbio mediúnico? Chico ia em frente, imune às dúvidas, movido por uma fé inabalável.

Nas palestras pelo Brasil, costumo deixar uma pergunta no ar: “Qual a sua missão aqui?”. Criar filhos? Escrever livros? Uma resposta certeira a esta questão nos leva para a frente e nos guia. É ela que dá um sentido – uma direção – à nossa vida.

A força do trabalho

“O trabalho engrossa o fio da vida”, Chico Xavier ensinava.

Esta era sua receita contra todos os males: trabalho.

Aos amigos mais íntimos, Chico deixava escapar um trocadilho quase infame quando via multidões de plantão na calçada em frente à sua casa, à espera de um contato com ele:

– Pá, pessoal, pá – acenava de longe, quando já estava doente.

– Paz – os admiradores retribuíam, sem entender o recado.

Nos centros espíritas, diante das longas filas até as salas de passe, Chico comentava com os companheiros mais próximos:

– Alguns aí não precisam de tanto passe. Precisam de pá.

O trabalho, para Chico, era sempre o melhor remédio contra a depressão, o desespero, a apatia, a falta de vontade de viver.

Mas o remédio mais poderoso – mágico mesmo – era o trabalho em favor do outro.

– Ajuda o outro e você vai estar se ajudando – recomendava às mães e pais atordoados, depois da morte de filhos.

Demorei a entender a força dessa receita. Só quando entrei em contato com famílias enlutadas, enquanto escrevia *Por trás do véu de Ísis*, decifrei a mensagem.

Muitas famílias não têm forças para levantar da cama depois da perda de filhos e não conseguem retomar suas vidas sem a ajuda de antidepressivos ou de uma prova irrefutável da sobrevivência dos mortos em outro plano. Essa busca, a saudade, as dúvidas, a culpa – tudo paralisa. A dor é indescritível.

– Quando você perde os pais, fica órfão. Quando perde o marido fica viúva. E quando perde os filhos? Nem nome esta dor tem – dizem mães em desespero.

Chico abraçava essas famílias, chorava com elas e – com a voz suave de sempre – tentava convencê-las a voltar para a cidade de onde vieram e iniciar um trabalho social.

Creches, asilos, mutirões, campanhas de distribuição de roupas e alimentos – uma imensa corrente de solidariedade nasceu e continua nascendo no Brasil da dor de famílias em luto.

O trabalho em favor do outro salvou e continua salvando muitas vidas – de quem é ajudado e, principalmente, de quem ajuda. Por quê?

Ao ajudar o outro, a pessoa sai do "próprio umbigo", vence a paralisia e entra em contato com dores e necessidades, às vezes maiores do que as dela própria. Nesse instante, ela inicia uma

nova etapa na sua vida, com mais sentido e menos dor.

O sentido da doação

Este foi outro dos sentidos exercitados por Chico Xavier ao longo de sua vida. Dar ao outro sem esperar nada em troca – a receita evangélica.

Chico foi além. Ele doava seu tempo, sua energia, sua paciência todos os dias e – muitas vezes – recebia em troca desaforos, ataques, insultos.

Sofreu três atentados (a faca, revólver, veneno), teve o rosto atingido por tapas e cuspe, e foi em frente.

Quando ia receber títulos de cidadania em solenidades, era acusado de vaidoso.

Quando dava entrevistas para a televisão, era criticado pelo exibicionismo.

Quando recusava doações generosas, era censurado pela falta de educação ou gratidão.

Quando se definia como "Cisco Xavier", era condenado pela falsa modéstia.

Quando promovia mutirões e campanhas de doação, era

taxado de assistencialista.

Aos que anunciavam sua queda – abatido pela vaidade ou ambição –, ele respondia:

– Não vou cair porque nunca me levantei.

Só no fim da vida, cansado de tantos ataques, Chico se permitiu um desabafo em público em entrevista a um jornal de Santos.

– Vocês querem que eu rejeite os títulos de cidadania? Querem que eu me recuse a dar entrevistas? Estou trabalhando pela divulgação da doutrina e não por mim. Vocês não entendem?

Muita gente não entendia e Chico continuava a se doar – e a se alimentar da energia gerada pelas doações.

O sentido da aceitação

Atormentado pela angina, castigado pela catarata, abalado por sucessivas crises de pneumonia, Chico continuou a trabalhar sem descanso, até o fim, quase sem queixas. De vez em quando, já no final da vida, ele se permitia desabafos discretos:

– Sinto-me como se fosse arrastado.

– Às vezes me pergunto se era preciso tudo isso.

Chico exercitou, ao máximo, além dos próprios limites, o sentido da aceitação. Ele não só aceitava as dores, doenças e obstáculos da vida, como agradecia por eles.

O sofrimento era uma "bênção", o caminho mais curto para resgatar dívidas passadas, aprender, evoluir.

Os amigos de carne e osso estranhavam a omissão dos "amigos espirituais" de Chico. Onde estava o espírito do dr. Bezerra de Menezes, o "médico dos pobres", tão atuante nos centros do país? Por que ele não aliviava as dores de seu maior aliado no Brasil?

Chico batia na mesma tecla – "Não podia aceitar

privilégios" –, mas nem todo mundo aceitava ou acreditava nessa explicação.

Para justificar a própria agonia, Chico gostava de contar a história de Teresa d'Ávila. Linda, rica e poderosa na Espanha do século XVI, a filha de dom Alonso de Sanchez y Cepeda trocou as jóias, castelos e vestidos de seda pela pobreza do Convento Carmelita da Encarnação e iniciou uma peregrinação pelo país para fundar abrigos dedicados a órfãos e viúvas miseráveis das intermináveis batalhas expansionistas.

A pé ou montada em mulas, enfrentou pântanos, montanhas e florestas, castigada por crises de angina e febres incessantes.

Numa de suas maratonas, ela tentava atravessar um rio quando um temporal desabou e a correnteza a engoliu. Já estava prestes a se afogar quando foi salva por Jesus. Após agradecer, comovida, ouviu as palavras do Salvador:

– Está vendo, Teresa? É assim, em meio aos perigos da estrada, que eu trato os meus discípulos e os meus amigos queridos.

Teresa não resistiu e apelou para o senso de humor:

– Oh, compreendo, Senhor. É por isso que os tendes tão poucos.

Chico se divertia – e se consolava – com essa história.

Os sentidos de missão, doação e aceitação o transformaram num personagem único.


Por trás
do véu
50 Anos Depois
Além
50 Anos Depois

A mensagem da Tia Lourinha

Quem leu meu segundo livro, *Por trás do véu de Ísis*, já foi apresentado a Tia Lourinha. Ela surgiu na minha vida em setembro de 2003, quando atendi o telefone e ouvi a seguinte pergunta de um jovem professor universitário que tinha me entrevistado para um programa de TV espírita em Brasília:

– Você conheceu alguma "Tia Lourinha"?

– Não, nunca. Por quê? – foi minha resposta.

O professor ficou constrangido e quase não teve coragem de revelar: ele era médium e tinha psicografado uma mensagem da tal Tia Lourinha para mim.

– Você checaria com sua família se existiu alguém com esse nome?

Liguei para meu pai e nada. Telefonei para minha mãe e veio a confirmação desconcertante:

– Tia Lourinha? Claro. Era a melhor amiga da sua avó, grande amiga da sua tia Maria, morava na Tijuca, morreu de câncer. Por quê?

Telefonei para o médium com a boa notícia e recebi de volta a seguinte mensagem por fax:

> *Marcel, meu filho.*
>
> *Eis que do outro lado do rio da vida, volto contente por tudo que nos deu a divindade. Sua tia e seu avô pedem que você persevere na grande luta de divulgar a obra do apóstolo do espiritismo, Chico Xavier.*
>
> *Confie em Deus e siga adiante, porque foste chamado ao trabalho e agora não podes abandoná-lo.*
>
> *Um beijo da tia Lourinha.*

Foi um choque – mais um. Na época, ainda sob o impacto do sucesso da biografia *As vidas de Chico Xavier*, eu pensava seriamente em mudar de assunto e me afastar do tema da espiritualidade no livro seguinte.

Não queria ficar vinculado demais ao espiritismo ou a questões controvertidas como a "vida depois da morte".

A mensagem da "Tia Lourinha" mudou meus planos e gerou meu segundo livro, uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos. Uma investigação sofrida, dolorosa, frustrante. Foram muitas as fraudes no meio do caminho.

Só não desisti da empreitada por dever jornalístico – o de revelar os bastidores da redação de "mensagens psicografadas" – e por ter sido surpreendido também por fatos inexplicáveis.

“Boneca, Boneca...”

Fim de tarde de uma quarta-feira. Minha mãe me faz uma visita-surpresa, acompanhada por uma amiga, Beth.

Aquele era um dia duro. Eu estava decidido a desistir do livro sobre psicografia, depois de meses de pesquisas e viagens.

A convivência com mães atormentadas pela perda de filhos – em busca de mensagens do “além” e expostas a uma sucessão de fraudes – estava me fazendo mal.

Beth chegou lá em casa quando eu estava prestes a comunicar – e justificar – minha decisão à editora e me contou a seguinte história.

Em 1973, aos 23 anos, ela foi passar uma semana de férias em Uberaba. O dono da casa onde ficou hospedada era muito amigo de Chico e logo a convidou para visitar o vizinho ilustre.

– Eu nunca tinha ouvido falar de Chico Xavier nem tinha a menor ideia do que fosse um médium, mas aceitei o convite.

Chico a cumprimentou e, instantes depois, mudou de tom e expressão.

– Boneca, Boneca, não foi isso que eu te ensinei. Por que você foi largar um marido tão bom?

Ninguém na cidade sabia, mas Beth, então recém-casada, tinha pedido o desquite, um tabu na época. Ela fazia questão de guardar segredo sobre a separação prematura.

– Quem é o senhor? – a visitante perplexa quis saber.

– Não tá me reconhecendo, Boneca? Sou seu pai, Laudo.

O pai, morto nove anos antes, costumava chamar a filha de Boneca.

Logo depois do puxão de orelhas, a voz de Chico assumiu um tom mais suave e pausado:

– Betinha, Betinha, que saudade. Não liga pro seu pai não. Ele continua o mesmo velho turrão de sempre.

A filha não teve dúvidas: era a mãe dela, morta em 1968.

Beth entrou na casa de Chico católica e saiu de lá espiritualista, como se define até hoje.

Esta história, contada no quintal da minha casa, num momento decisivo da minha pesquisa, me estimulou a seguir em frente.

O que existe de verdade e mentira, fraude e autossugestão, consciente e inconsciente nesse intercâmbio entre vivos e mortos?

Era o que eu tentava responder, enquanto lidava com

famílias em luto e psicografias suspeitas.

“Não tem nenhum Luís Fernando aqui”

Semanas mais tarde, enquanto eu lidava com novas decepções, minha mãe chegou em minha casa com mais um relato misterioso.

No fim de semana ela tinha levado meu filho, Antônio, então com 4 anos, a uma pizzaria – o mesmo restaurante onde ela almoçara com um amigo, René, pouco antes de ele ser atropelado e morto diante do filho de 8 anos, Luís Fernando.

Meu filho carregava, sem saber, o ioiô do menino.

De repente, ele se levantou da mesa, olhou para o lado e disse em voz alta, como se respondesse a alguém invisível.

– Luís Fernando? Não. Não tem nenhum Luís Fernando aqui.

Depois de um breve silêncio – enquanto parecia ouvir algo que ninguém mais ouvia –, ele esclareceu: – Não. Quando a gente morre o corpo vai para o cemitério. O espírito vai para o céu, vai para o espaço.

Eu nunca tinha conversado com Antônio sobre essas questões, metafísicas demais para sua idade. Minha mãe não

contou nada a ele sobre René ou Luís Fernando.

– O que foi isso? – ela me perguntou, ainda espantada com a história.

Tentei traduzir o intraduzível:

– Uma hipótese: Antônio viu o René. René perguntou a ele pelo Luís Fernando e explicou: "Eu morri, mas preciso encontrar meu filho". A resposta do Antônio, em outras palavras: "Se você morreu, o que está fazendo aqui? Devia estar no espaço...".

Será?

Minha mãe não é espírita. Nem eu.

A volta de Tia Lourinha

Um dos suspenses de *Por trás do véu de Ísis* era o seguinte: Tia Lourinha mandaria uma nova mensagem, enquanto eu escrevia o livro? Dividi essa minha expectativa com os leitores enquanto participava de sessões privadas na casa do "médium de Brasília" (o professor preferiu manter sua identidade em sigilo).

Durante cada encontro – embalado por transes e sessões de psicografia impressionantes –, eu "mentalizava": "Tia Lourinha... Tia Lourinha". Em momento algum revelei minha ansiedade ao médium, para não correr o risco de encomendar uma mensagem.

Até a "mãe do presidente Lula" se manifestou, mas a Tia Lourinha... nada. Um fiasco.

Encerrei o livro sem ter conseguido uma segunda mensagem da tia que não conheci.

Durante as palestras pelo Brasil, muitos leitores pedem notícias sobre ela.

Tia Lourinha mandou alguma nova mensagem?

Mandou.

O livro já estava publicado e distribuído quando o "médium de Brasília" pôs no papel um novo bilhete assinado por ela.

> *"Parabéns, meu filho Marcel, agora que contaste o nosso reencontro eu já posso me manifestar"...*

Uma bela frase se destacava no breve texto:

> *"Vamos gritar ao mundo a vida que transborda além do corpo".*

Eu estava na sessão, ao lado do médium e de sua mulher – uma médica pediatra –, quando a assinatura de Tia Lourinha surgiu no pé da página.

Minha reação, confesso, foi de absoluta descrença. O médium tinha acabado de ler o livro e sabia, portanto, da minha expectativa e frustração.

Duvidei de cada palavra até o momento em que a mulher dele fez uma revelação logo depois da sessão:

– Aconteceu comigo hoje uma coisa que nunca tinha acontecido antes. Vi todos os espíritos que se comunicaram e, como só havia uma mulher no grupo, eu vi a Tia Lourinha.

Viu e descreveu:

– É uma senhora gordinha, baixinha, o rosto muito redondo, muito sorridente, cabelos curtos, feições de portuguesa. Ela

usava um vestido estampado, coberto por um casaco preto justo, apertado.

Minha mãe confirmou cada detalhe da descrição – inclusive o figurino. “Ela não tirava essa roupa.”

Pedi fotos para a família, mas ninguém encontrou fotografias da Tia Lourinha.

Meses depois recebi um telefonema da cidade de São Luís, no Maranhão. Era um sobrinho da Tia Lourinha, Janir Gedeon Júnior. Ele tinha visto uma entrevista minha na televisão e – pela descrição da Tia Lourinha – garantiu: só podia ser a mesma pessoa.

E era. O nome do marido e da filha de criação, o endereço na Tijuca, a causa da morte, todos os dados foram confirmados pela família de São Luís.

Eleunora Gedeon de Castro – este era o nome dela.

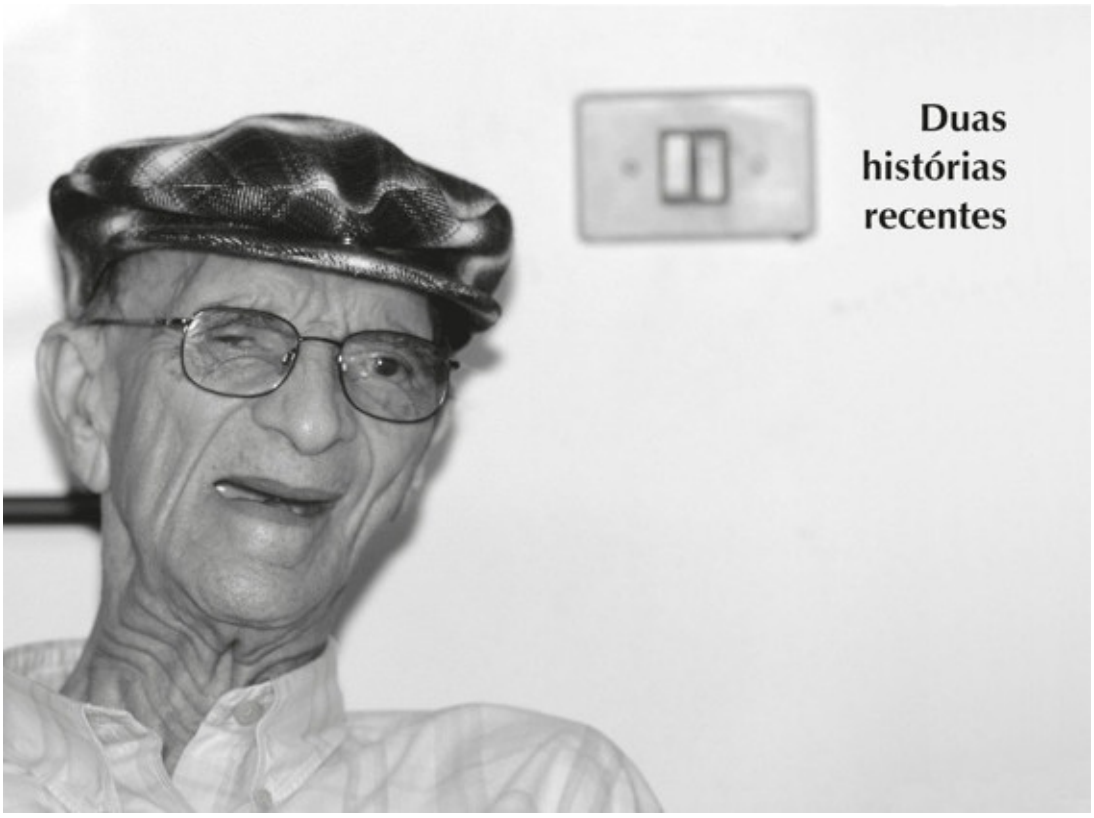
Tia Lourinha existiu mesmo – com seu rosto redondo e seu casaco preto sobre o vestido estampado.

Era católica.

Pedi fotos e elas chegaram por *e-mail*. Dias depois desembarquei em Brasília e mostrei fotografias de cinco senhoras diferentes para a mulher do médium. Qual delas ela viu na noite da sessão?

A mulher do médium apontou duas fotos. Uma delas era

Eleunora, a Tia Lourinha. A outra, sua irmã, quase da mesma idade.


Duas
histórias
recentes

A fraude...

Em julho de 2005, o telefone tocou na minha casa. Do outro lado da linha, uma senhora esbaforida pediu socorro:

– Meu marido está incorporando Chico Xavier e a gente já não sabe mais o que fazer. “Chico” tá querendo muito falar com você.

Ela ligava de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, e estava preocupada com as reviravoltas em sua vida, desde a primeira aparição de Chico, dois anos antes.

O marido dela – católico – era porteiro de uma escola. Agora, além de porteiro, fazia hora extra como médium, aos sábados, e começava a atender moradores da vizinhança em busca de curas milagrosas.

– Nossa vida tá uma confusão – ela disse.

Imaginei.

Foram tantos os interurbanos que acabei vencido pelos apelos da dona de casa, mãe de cinco filhos, e por minha própria curiosidade.

Antes de arrumar as malas, avisei:

– Escrevi a biografia de Chico e, com poucas perguntas, vou descobrir se é "ele" mesmo quem está de volta...

– É ele mesmo. Você vai ver. Pode acreditar.

Com três perguntas, a fraude veio à tona em Brasília. O "médium" que dizia incorporar Chico Xavier nem teve tempo – ou interesse – de ler meu livro.

Nome da mãe, do pai, da cidade natal – o "Chico de Ceilândia" não se lembrava de nenhuma informação sobre o passado.

Só sabia do futuro. E o futuro dele dependia de mim: cabia ao "amigo repórter" doar um terreno – um galpão, de preferência – para ele cumprir sua nova missão na Terra: a cura de doenças incuráveis.

As garrafadas já estavam prontas. "Chico" me mostrou algumas delas.

Logo depois do reencontro com meu "biografado", enquanto eu tentava me recuperar do constrangimento, um assessor do "médium", um policial civil aposentado, me puxou para um canto, apontou para o céu e perguntou:

– Você tem coragem?

– Depende. Coragem de quê?

– De ir pro espaço.

Pois é.

E lá veio uma nova revelação.

– Nós, eu e o médium, conversamos com o profeta Isaías e ele nos autorizou a te fazer o convite. Seremos onze ao todo nessa viagem. É segredo.

– Conte comigo, então – confirmei presença e ouvi as primeiras instruções do comandante.

– Você tem bota?

– Não.

– Então compre.

– Tem macacão?

– Não.

– Então compre.

– Tem capacete?

– De moto?

– Não. Espacial.

– A gente vai de nave? – chequei.

– De nave – ele confirmou – E a nave vai decolar do terreno que você doar pro nosso amigo médium.

Ficou a pé.

Mas nem tudo estava perdido.

...E o fenômeno

O mais revelador aconteceu enquanto eu conversava com o impostor na sala dos fundos.

Junto comigo, nesse encontro em Ceilândia, estava um casal de amigos espíritas, dois estudiosos da doutrina tão desconfiados quanto eu.

Enquanto o "Chico de Ceilândia" falava sobre suas curas e abria suas garrafas mágicas, uma voz rouca, distorcida, começou a sair da boca da minha amiga.

De olhos fechados, expressão tensa, ela interrompeu a atuação do "médium" com um discurso retumbante.

As palavras vinham à tona como se tivessem sido disparadas de um gravador, de uma fita magnética.

Os intervalos entre cada frase eram idênticos. Nenhuma pausa, nenhuma dúvida. O texto parecia vir de longe.

Apesar do susto, anotei cada palavra no meu bloco. Era um recado, um alerta, ao "Chico Xavier de Ceilândia":

– Meu filho, não faça isso. O caminho não é esse, meu filho.

Muitas lágrimas sobrevirão se este for o caminho trilhado. “Eu não vim – eu não estou aqui – para restaurar odres velhos, tecidos rotos. Eu vim para que todos tenham vida, vida em abundância.” As palavras de Jesus são um roteiro de todo servidor. A mensagem do Cristo é para restaurar as almas não os corpos. O caminho é outro, meu filho.

Nesse instante, o “Chico Xavier de Ceilândia” saiu de fininho e minha amiga voltou à tona, absolutamente apavorada.

– Não tô sentido minhas mãos. Não tô sentindo meus braços. O que aconteceu?

Ela nunca tinha entrado em transe e não se lembrava de uma sílaba de seu discurso.

Tudo aconteceu de repente. Enquanto o “médium” anunciava sua nova missão e apresentava as poções milagrosas, ela começou a ouvir vozes dentro do quarto, um alarido insuportável. Uma dessas vozes invadiu sua consciência. Foi esta a sua impressão.

Dois dias depois, ainda estava assustada e constrangida.

– Isto nunca tinha acontecido comigo. Tô tentando entender até agora. Será que foi o meu inconsciente que se manifestou ou foi um espírito?

O importante é que nem tudo foi mentira naquele quarto dos fundos.

O grande desafio – de todos nós e de todo dia – talvez seja o de não deixar tantas fraudes (na religião, na política, no Brasil, no mundo) destruírem nosso direito ou nossa chance de ter fé.

Um direito que o Chico Xavier, de Pedro Leopoldo, exerceu do início ao fim de seus 92 anos de vida.

Conclusões

Nas minhas pesquisas, vi e continuo vendo muitas fraudes, mas deparei também – e não posso esconder isso – com fenômenos inexplicáveis.

Existe muita mentira sim, mas existe verdade nesse território onde “vivos” e “mortos” se encontram.

Um mérito dos meus livros (digo isso sem falsa modéstia) é o de levar o leitor à dúvida. Eles fazem céticos duvidarem do próprio ceticismo e crédulos duvidarem da própria credulidade.

Nas palestras, duas perguntas se repetem sempre, vindas da plateia:

– Você mudou? Hoje é menos cético?

Mudei sim e continuo mudando. Hoje acredito mais, apesar de questionar sempre.

Os céticos podem duvidar de tudo – da vida depois da morte, da sobrevivência do espírito –, mas não devem negar um fato: movido pela própria fé, Chico foi coerente do início ao fim de sua trajetória.

No final da vida, quando já não tinha força nem saúde para trabalhar, ele agradecia:

– Graças a Deus aprendi a viver apenas com o necessário.

Um dos maiores e mais polêmicos *best-sellers* do país morreu na cama estreita de seu quarto simples em Uberaba, diante de um guarda-roupas de duas portas.

Qual é a nossa medida de necessário?

(Será que não estamos comprando necessidades que não são nossas – insaciáveis e frustrantes?)

Qual a nossa missão no mundo?

Se conseguirmos encontrar respostas para essas duas questões fundamentais, já teremos dado um passo decisivo nesta vida – a única que realmente importa.

"Embora ninguém possa voltar atrás e
fazer um novo começo, qualquer um pode
começar agora e fazer um novo fim."

Chico Xavier

Legendas

pp. 2-3

Parede da casa de Chico, hoje transformada em museu. [Arq. Marcel Souto Maior.]

pp. 18-19

Quarto de Chico Xavier em Uberaba: nesta cama ele morreu, em 30 de junho de 2002. [Arq. Marcel Souto Maior.]

p. 40

Chico em uma de suas imagens consagradas: ícone do espiritismo no Brasil. [Reprodução do livro *Chico Xavier: mandato de amor*, editado pela União Espírita Mineira]

p. 41

Placa pendurada no salão do Grupo Espírita da Prece, centro fundado por Chico em Uberaba. [Arq. Marcel Souto Maior.]

p. 44

Chico Xavier em 1935, no armazém de José Felizardo Sobrinho,

onde trabalhou em Pedro Leopoldo, sua cidade natal.

p. 45

Imagem de Emmanuel, o guia espiritual de Chico, pintada por um amigo do médium.

pp. 56-57

Nas paredes da garagem da casa de Chico, em 1993, pedidos de ajuda e agradecimentos dos seguidores. [Arq. Marcel Souto Maior.]

pp. 70-71

Chico durante sessão de psicografia. Sobre a mesa, alguns dos 412 títulos publicados por ele. [Reprodução do livro *Chico Xavier: mandato de amor*, editado pela União Espírita Mineira]

pp. 88-89

Nos anos 1990, um Chico já alquebrado ainda em atividade.

p. 112

Na casa transformada em museu, a coleção de boinas usadas por Chico.

Sobre o autor

MARCEL SOUTO MAIOR é jornalista e roteirista da TV Globo. Trabalhou no *Correio Braziliense*, *Estado de S.Paulo* e *Jornal do Brasil* antes de se transferir para a televisão, onde começou como editor do programa *Fantástico*. Autor de *As vidas de Chico Xavier* e *Por trás do véu de Isis*, Marcel nunca se identificou com qualquer corrente religiosa.

Leia também outros livros da coleção No Bolso:

Apocalipse Z: o princípio do fim

Beije-me onde o sol não alcança

Bem profundo

Coleção Essencial: Allan Kardec

Coleção Essencial: Maquiavel

Mulheres inteligentes, relações saudáveis: o livro que toda mulher deveria ler antes de se relacionar

O que você quiser

O tempo entre costuras

Once upon a time: uma antologia de contos de fadas



Este livro foi composto em Centaur MT Std.

“Quais as principais lições deixadas por Chico Xavier? O que mais me marcou? O que aprendi com a vida e com a obra dele? Hoje sou menos cético? As respostas para as perguntas que costumam me fazer em palestras e entrevistas estão aqui neste livro. São lembranças e descobertas que me acompanham e que divido agora com vocês espíritas e não espíritas como eu, nesta espécie de diário, coletânea de lições. Existe vida depois da morte? Não importa. ‘O que importa é esta vida. Esta vida já dá trabalho demais.’ Palavras de Chico Xavier, quando se aproximavam dele para pedir informações sobre vidas passadas ou provações futuras. O importante – e difícil – é saber viver aqui e agora.”

MARCEL SOUTO MAIOR,
autor de *As vidas de Chico Xavier*

NO BOLSO

Planeta

PlanetaLivrosBR

planetadelivrosbrasil

PlanetadeLivrosBrasil

planetadelivros.com.br

PAPA
FRANCISCO

AVE MARIA

O Santo Padre comenta o mistério de Maria com as palavras da oração mais amada



Planeta

Ave Maria

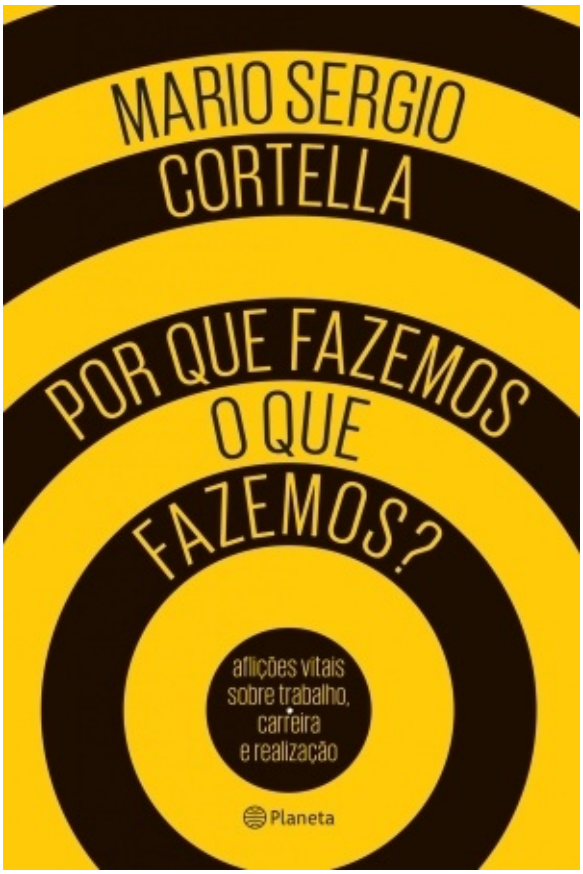
Francisco, Papa
9788542216257
144 páginas

Compre agora e leia

A oração à Mãe de Jesus comentada pelo Papa Francisco. "Ave, Maria, cheia de graça": assim começa a prece que aprendemos desde crianças e que, especialmente nas dificuldades, retorna aos nossos lábios e aos nossos corações. "Deus cumprimenta uma mulher, cumprimenta-a com uma grande verdade: 'Eu te fiz repleta do meu amor, cheia de mim, e assim como estás plena de mim, estarás plena do meu Filho e depois de todos os Filhos da Igreja'. Mas a graça não termina aí: a beleza de Nossa Senhora é uma beleza que dá fruto, uma beleza-mãe." Neste novo livro, Papa Francisco aborda o mistério de Maria percorrendo

verso por verso a Ave-Maria num diálogo vivo e fecundo com Padre Marco Pozza, teólogo e capelão do Presídio de Pádua (norte da Itália). "Maria é a própria normalidade, ela é uma mulher que qualquer mulher neste mundo poderia dizer que pode imitar: trabalhava, fazia compras, ajudava o Filho, ajudava o marido". Apesar disso, essa criatura "normal" torna-se o instrumento de uma nova criação, de uma nova aliança: "A recriação começa com Maria, com uma mulher sozinha". E é sobre a mulher e seu papel que se concentra a reflexão do Papa: "A Igreja é mulher, a Igreja não é do gênero masculino, não é "o" Igreja. Nós, os clérigos, somos masculinos, mas nós não somos a Igreja.

Compre agora e leia


MARIO SERGIO
CORTELLA
POR QUE FAZEMOS
O QUE
FAZEMOS?
aflições vitais
sobre trabalho,
carreira
e realização
Planeta

Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

9788542208160

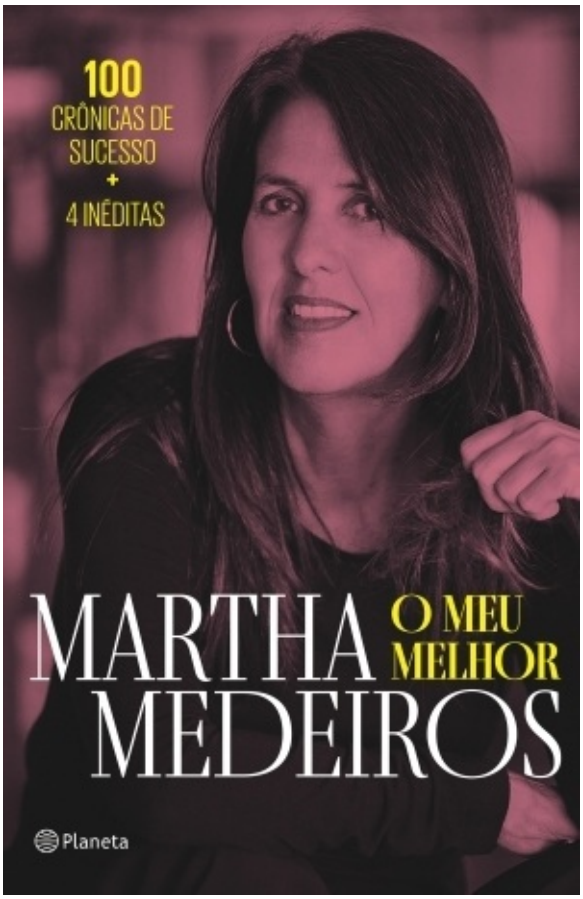
84 páginas

Compre agora e leia

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente

e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

Compre agora e leia


100
CRÔNICAS DE
SUCESSO
+
4 INÉDITAS
MARTHA
MEDEIROS
O MEU
MELHOR
Planeta

O meu melhor

Medeiros, Martha
9788542216172
240 páginas

Compre agora e leia

Uma das mais bem-sucedidas escritoras brasileiras, Martha Medeiros completa 25 anos escrevendo crônicas semanalmente publicadas por jornais em todo o país. Fazer sucesso neste tipo de escrita é algo raro no Brasil, mas Martha tem o dom de encantar e instigar; de questionar e inspirar. Tem milhares de leitores fiéis que a tratam como uma amiga, uma pessoa da família. O poder da crônica é justamente oferecer um papo onde quem lê se sente íntimo de quem escreve. Para celebrar este aniversário, ela selecionou as 100 crônicas de maior sucesso em toda a sua carreira. A maioria das colunas é sobre relacionamentos – amorosos e

consigo mesmo. Alguns desses textos viralizaram na internet – como Uma oração para os novos tempos, escrito em 2013 e que ganhou as redes em 2018. Há textos que foram equivocadamente atribuídos a outros escritores, outros costumam ser citados em palestras e muitos fizeram diferença na vida de pessoas. Entre eles estão: O mulherão, A melhor versão de nós mesmos e A morte devagar – conhecida nos países latinos como Muere lentamente e nos países de língua inglesa como Die slowly. E há também alguns textos inéditos. No último, A sério, que encerra este livro, ela escreve: "Somos um grão de areia, daqui a alguns anos nem seremos mais lembrados, a não ser que tenhamos sido generosos, agradáveis e tivermos repartido nosso conhecimento." Com certeza, Martha Medeiros será lembrada por muitas e muitas gerações.

Compre agora e leia


MARIO
SERGIO
CORTELLA
A SORTE
SEGUE
A CORAGEM!
oportunidades,
competências
e tempos de vida
Planeta

A sorte segue a coragem!

Cortella, Mario Sergio

9788542212433

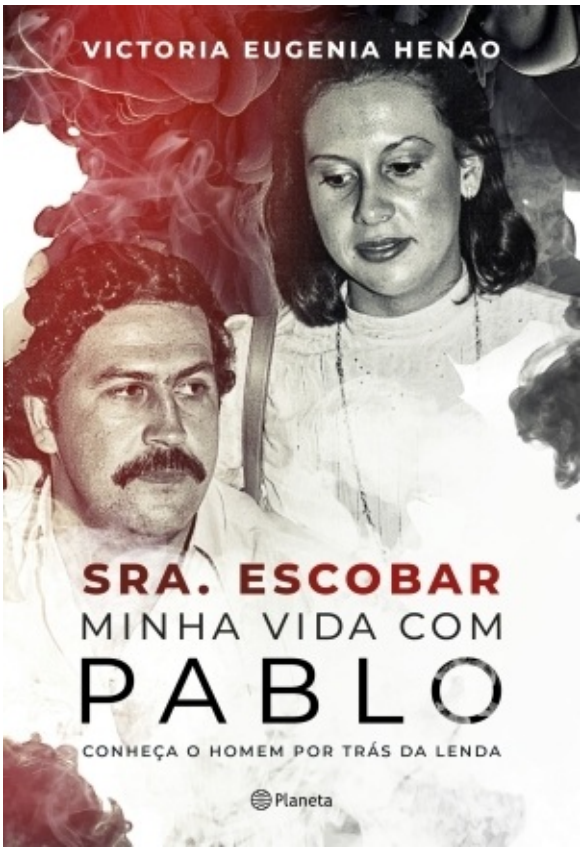
192 páginas

Compre agora e leia

Seu sucesso ou seu fracasso só depende de você! Todo mundo já usou algumas dessas justificativas para o insucesso: "Eu tento, tento e não funciona"; "não tenho sorte"; "não dou pro negócio"; "por mais que eu ande, não saio do lugar"; "não fico fazendo marketing pessoal". Em A sorte segue a coragem! Oportunidades, competências e tempos de vida, o professor Mario Sergio Cortella afirma que não se pode atribuir o sucesso ou o fracasso a forças externas. Em vinte capítulos, o autor de Por que fazemos o que fazemos?, um dos maiores best-sellers brasileiros dos últimos anos, discute comportamentos comuns a todos e aponta

caminhos para que cada um cultive a própria sorte. Confira os tópicos abordados neste livro: Êxitos e fracassos: será o destino? O destino me persegue? A ocasião faz o padrão... A pessoa certa no lugar certo, na hora certa Coragem não é impulsividade! Sorte, iniciativa e ética A hora é agora! Casualidades oportunas... E quando a hora não é agora? Planejar, escolher, abdicar A SORTE SEGUE A CORAGEM! OPORTUNIDADES, COMPETÊNCIAS E TEMPOS DE VIDA MARIO SERGIO CORTELLA LANÇAMENTO 2018 PlanetadeLivrosBrasil planetalivrosbr planetadelivrosbrasil PorticoLivros porticolivros CriticaTusquets SeloAcademia Tecnologia, ocupação e tédio ausente Estoque de conhecimento, partilha e humildade Pensar sobre mim, pensar minhas razões Tempo: aproveitar para não perder! Tempo livre, competência e inventividade O tempo passa mais depressa? Gerações, convivência e oportunidade recíproca O tempo passa; e nós? Decrepitudes, senilidades, vitalidades! Finitudes infinitas, infinitudes finitas

Compre agora e leia


VICTORIA EUGENIA HENAO
SRA. ESCOBAR
MINHA VIDA COM
PABLO
CONHEÇA O HOMEM POR TRÁS DA LENDA
Planeta

Sra. Escobar - Minha vida com Pablo

Henao, Victoria Eugenia
9788542216264
368 páginas

Compre agora e leia

Pablo Escobar, um dos mais ricos, poderosos e impiedosos criminosos de todos os tempos, fascinou o mundo inteiro. Sua trilha de sangue e cocaína o fez entrar para a história e inspirou filmes, séries e livros. Ainda assim, a pessoa mais próxima dele nunca havia contado sua versão dos fatos – até agora. Victoria Eugenia Henao conheceu Pablo quando tinha 12 anos de idade. Aos 15, fugiu para se casar com ele e, apesar de sua violência e inúmeras infidelidades, permaneceu ao seu lado durante 16 anos, até sua morte. Nesse tempo, insistiu que ele buscasse paz com seus inimigos, com quem ela teve que negociar a liberdade e a

vida de sua família depois que Escobar fora derrotado. Agora, passados mais de 25 anos da morte de Pablo, a personagem mais intrigante de sua vida, que o conhecia como ninguém, finalmente está preparada para dividir a sua história – e revelar a verdade sobre aquele que ficou conhecido como o senhor das drogas.

Compre agora e leia